Provas especialmente destinadas a avaliar as capacidades para a frequência do ensino superior de maiores de 23 anos
(Ano letivo 2022 – 2023)

Prova de Língua Portuguesa

Grupo I

Leia o seguinte excerto e responda às questões que se lhe seguem:

«Por razões bem conhecidas, a palavra "barbárie" voltou actualmente ao uso em larga escala e quase com um valor de interjeição. Diz-se "barbárie" para apontar e denunciar um mal radical que não se consegue compreender e que, de certo modo, não é completamente representável. Um reflexo imediato e quase instintivo leva-nos a opor essa palavra a uma outra, numa lógica de exclusão: a palavra "civilização". E a ideia mais comum de civilização é que ela é consubstancial à ideia de progresso e de uma concepção evolucionista da História, em relação às quais a barbárie é sempre uma regressão — um "recuo civilizacional", como se costuma dizer.

Ora, já devíamos ter aprendido, muito especialmente por aquilo que aconteceu na Segunda Guerra mundial, que as coisas não são assim. Parece que a barbárie não é a emergência anómala de algo temporalmente e geograficamente longínquo: foi no coração da Europa que ela se revelou, em pleno século XX, num grau nunca antes alcançado; e esse grau último foi conseguido graças a um pacto necessário, por mais diabólico que pareça, com o progresso — o progresso técnico e industrial, para sermos mais precisos. A barbárie surgia assim numa condição interna à própria civilização e não exterior a ela nem tão-pouco fora da área de desenvolvimento da civilização. Aquilo a que chamamos barbárie é, afinal, um processo inscrito no próprio programa da civilização. Tão dolorosa é esta evidência, tão reveladora das contradições do progresso e da civilização, que muito se fez e se continua a fazer para recalcá-la

[...]

A ideia da barbárie como regressão a um fundo de violência arcaica é fraudulenta porque ela não é anterior a um estado de cultura. E são as civilizações que são mortais: "Nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais", escreveu Paul Valéry em 1919, sob o impacto causado pela Primeira Guerra mundial, um célebre texto intitulado *La crise de l'esprit*.

Para os antigos, os bárbaros eram os estrangeiros e selvagens, com hábitos e costumes cruéis; no nosso tempo, somos nós — e aqueles que são como nós — que em determinados momentos e sob determinadas condições nos tornamos bárbaros. Porque hoje toda a guerra, como previu Simone Weil, e nós estamos hoje em condições de poder confirmar, é uma guerra civil mundial.»

(António Guerreiro, "Tão civilizada, a barbárie", in *Público*, edição de 15.04.2022)

1. Quais são as «razões bem conhecidas» a que o Autor alude no início do artigo? Identifique-as e explique por que razão entende o Autor que são bem conhecidas.
2. Segundo o Autor, civilização e barbárie são conceitos opostos? Fundamente a sua resposta explicitando a posição do Autor sobre a questão.
3. Por que razão entende o Autor que «[a] ideia da barbárie como regressão a um fundo de violência arcaica é fraudulenta porque ela não é anterior a um estado de cultura. E são as civilizações que são mortais»?
4. Explique a contraposição feita pelo Autor entre o conceito de bárbaros para os antigos e o mesmo conceito na atualidade («Para os antigos, os bárbaros eram os estrangeiros e selvagens, com hábitos e costumes cruéis; no nosso tempo, somos nós — e aqueles que são como nós — que em determinados momentos e sob determinadas condições nos tornamos bárbaros»)?

NOVA SCHOOL OF LAW

Grupo II

Leia o seguinte texto:

> «A palavra "privilégio" está a passar por um mau bocado mas, mais tarde ou mais cedo, alguém vai ter de recuperá-la.
> Os privilégios que importam são aqueles que se ganham. Deveria haver outra palavra para as vantagens que se adquirem só pelo facto de se ter nascido. Talvez a palavra "sorte".
> É profundamente injusto ter regalias sem ter feito nada por isso, só por se ter nascido rico ou bonito ou branco ou homem.
> Mas também é injusto que não se distinga entre esse privilégio sem merecimento e o privilégio que só se conquista através do merecimento.
> Digo isto a propósito de uma declaração que cada vez ouço mais em lojas e restaurantes, segundo a qual "nós aqui tratamos toda a gente da mesma maneira, sejam clientes antigos ou novos".
> Essa atitude, que parece democrática e que é recomendável em hospitais públicos, acaba por prejudicar os clientes antigos. A antiguidade é um merecimento, por muito fora de moda que esteja: o cliente antigo já lá foi muitas vezes (em vez de ir a outros lugares) e já lá gastou muito dinheiro. Essa fidelidade e essa consistência foram provadas.
> [...]»
>
> (Miguel Esteves Cardoso, «O privilegiado fiel», in *Público*, edição de 22.05.2022)

Redija um pequeno texto de <u>não mais de duas (2) páginas</u> na qual apresente uma reflexão pessoal sobre o texto supra.

FIM

A prova tem duração de 90 minutos

Grupo I – 60 pontos (5 + 15 + 25 + 15)
Critérios de correção: conteúdo; estruturação do discurso e correção linguística
Grupo II – 40 pontos (critérios de correção: conteúdo; estruturação do discurso e correção linguística)
Cotação total da prova: 100 pontos